

Sobre a urgência de decolonizar a história da arquitetura moderna brasileira

LARA, Fernando Luiz. Sobre a urgência de decolonizar a história da arquitetura moderna brasileira. *Revista Docomomo Brasil*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 57-64, jun. 2021

Data de submissão: 17/02/2020
Data de aceite: 25/03/2021

Fernando Luiz Lara

Professor Titular - University of Texas at Austin
fernandolara@utexas.edu

Resumo:

Passado quase um século da amarração moderno/colonial articulada por Lucio Costa nos anos 1930, é urgente perceber que tal relação é muito mais profunda e muito mais assustadora do que reza nossa cartilha historiográfica. Todo o projeto da modernidade estava enraizado na colonialidade: desmatamento, holocausto ameríndio, mão de obra escrava ou semi-escrava, monocultura latifundiária, exportação de bens primários, assentamentos informais e repressão policial. É chegada a hora de decolonizar a análise e a narrativa da arquitetura brasileira e isto não implica descartar ou nem mesmo diminuir a potência criativa do discurso moderno/colonial articulado por Lucio Costa, mas perceber e enfrentar o lado escuro de tal narrativa, a saber o alto grau de colonialidade inerente a esta construção intelectual. **Palavras-chave:** arquitetura moderna brasileira, historiografia, descolonização

Abstract:

Almost a century after Lucio Costa intellectually stitched the modern to the colonial Brazilian architecture it becomes urgent to realize that such modern/colonial relationship runs much deeper and is much more frightening than our historiography discussed so far. The whole project of modernity was rooted in coloniality: deforestation, Amerindian holocaust, slave or semi-slave labor, plantation monoculture, commodities exports, informal settlements and police repression. The time has come to decolonize the analysis and the narrative of Brazilian architecture and this does not imply discarding – nor even diminishing – the creative power of the modern / colonial discourse articulated by Lucio Costa, but to understand the dark side of such a narrative, namely high degrees of coloniality inherent in this intellectual construction.

Keywords: Brazilian modern architecture, historiography, decolonization

Resumen:

Casi un siglo después del amarre moderno / colonial articulado por Lucio Costa en los años 1930, es urgente darse cuenta de que tal relación es mucho más profunda y mucho más aterradora de lo

que dice nuestra historiografía. Todo el proyecto de modernidad tenía sus raíces en la colonialidad: deforestación, holocausto amerindio, trabajo esclavo o semi-esclavo, monocultivo de tierras, exportación de bienes primarios, asentamientos informales y represión policial. Ha llegado el momento de decolonizar el análisis y la narrativa de la arquitectura brasileña y esto no implica descartar -ni mismo disminuir- el poder creativo del discurso moderno / colonial articulado por Lucio Costa, sino percibir y enfrentar el lado oscuro de dicha narrativa, a saber alto grado de colonialidad inherente a esta construcción intelectual.

Palabras clave: arquitectura moderna brasileña, historiografía, descolonización

Na Bienal de Gwangju de 2018, a artista brasileira Lais Myrra construiu uma obra chamada *Estudo de Caso*, na qual uma coluna em tamanho real do Palácio da Alvorada (Oscar Niemeyer, 1957-60) é apoiada por uma coluna em tamanho real da fazenda Colubandê (Rio de Janeiro, século XVII). Uma leitura apressada da obra apontaria para uma celebração da amarração moderno/colonial como articulada por Lucio Costa nos anos 1930. No entanto, quase um século depois, torna-se urgente perceber que a relação moderno/colonial é muito mais profunda e muito mais assustadora do que reza nossa cartilha historiográfica. Recorro à obra de Lais Myrra como ponto de partida, não apenas pela força simbólica das duas colunas juntas, Colubandê apoiando Alvorada, mas pelo conjunto agora maduro de uma obra artística que desafia a historiografia da arquitetura moderna ao tratar de seus silêncios como o acidente da Gameleira em fevereiro de 1971 ou as torres de “dois pesos duas medidas” da Bienal de São Paulo de 2016. A instalação *Estudo de Caso* me parece uma perfeita manifestação artística do que considero o paradigma central da arquitetura brasileira no século XX: um modernismo extremamente bem sucedido, construído com profundas raízes de colonialidade.

A arquitetura moderna brasileira, como sabemos, é muito mais do que simplesmente uma aplicação dos princípios de Corbusier em um clima tropical. Seguindo esta definição estreita e eurocêntrica da arquitetura brasileira do século XX, a maioria das publicações do Atlântico Norte celebra as conquistas do Brasil quando estas coincidem com e reforçam as expectativas deles, diminuindo-as sempre que divergem. Muitos autores contemporâneos, inclusive este que vos escreve, exploraram a natureza difusa desse etnocentrismo na crítica arquitetônica e as maneiras pelas quais o discurso é sempre ditado pelos termos do Norte, negando agência e iniciativa a qualquer pessoa fora de suas fronteiras intelectuais. O discurso hegemônico do Atlântico Norte (ou Otocêntrico) reforça estas desigualdades e marca a colonialidade global, mas as intenções e silêncios dos atores locais também revelam graus de colonialidade ainda pouco explorados pela historiografia brasileira.



Estudo de Caso, instalação de Lais Myrra na Bienal de Gwangju, 2018

Outros níveis de colonialidade operam dentro do território nacional. A historiografia da arquitetura moderna brasileira escrita no Brasil por brasileiros ainda reflete a hegemonia do eixo Rio-São Paulo, reflexo da centralidade político-econômica das duas metrópoles do século passado. É certo que o crescimento da pós-graduação fora do eixo Rio-SP nas últimas três décadas, assim como a sequência de Seminários DOCOMOMO e SHCU, relativizou um pouco esta hegemonia ao trazer para o debate um número significativo de teses e dissertações sobre múltiplas arquiteturas construídas do Oiapoque ao Chuí. No entanto, estas teses e dissertações recentes ainda são pautadas pela historiografia do século XX. Percebe-se não apenas a presença hegemônica de autores como Frampton, Jean Louis Cohen e William Curtis no caso internacional, como também a presença hegemônica da narrativa articulada por Lucio Costa há quase 100 anos.

Há mais ou menos uma década Jorge Francisco (Pancho) Liernur¹ me alertava para a necessidade de des-costizar a narrativa do modernismo brasileiro. Lucio Costa ocupa com honras um lugar central em qualquer conversa sobre a arquitetura brasileira e merece o crédito por articular intelectualmente o

modernismo de sua geração com o passado barroco do século XVIII. No que ficou conhecido como costura moderno / colonial, Costa ancorou a arquitetura de seu grupo carioca na arquitetura do passado colonial para desviar as críticas de que o modernismo era estrangeiro (Cavalcanti 1995, Lara 2002). Insisto que a costura moderno / colonial tem raízes muito mais profundas e feições muito mais feias do que discute nossa tradição historiográfica. Todo o projeto da modernidade estava enraizado na colonialidade: desmatamento, holocausto ameríndio, mão de obra escrava ou semi-escrava, monocultura latifundiária, exportação de bens primários, assentamentos informais e repressão policial. É chegada a hora de decolonizar a análise e a narrativa da arquitetura brasileira e isto implica não exatamente descartar e nem mesmo diminuir a potência criativa do discurso moderno/colonial articulada por Costa, mas perceber e enfrentar o lado escuro de tal narrativa, a saber o alto grau de colonialidade inerente a esta construção intelectual.

Lentes Decoloniais

A moldura teórica do movimento decolonial nos permite colocar no centro da mesa questões que considero urgentes em qualquer análise contemporânea – capitalismo, ecologia, gênero e raça – des-

1-Jorge Francisco Liernur em conversa com o autor em Buenos Aires, 2012.

locando a arquitetura de seu lugar de transformação progressista (onde os resultados foram bastante questionáveis) para o lugar de um instrumento de espacialidade colonialista. Para abordar adequadamente o lado sombrio desse longo processo de modernização é necessário fazer uma crítica à modernidade, não apenas seguindo Jürgen Habermas, Andreas Hussein e Michel Foucault (entre tantos outros), mas principalmente Arturo Escobar, Walter Mignolo e Anibal Quijano.

Desde a década de 1990, estudiosos como Quijano (1992), Escobar (1994), Dussel (2000) e Mignolo (2002) têm defendido a leitura da história do mundo através das lentes da teoria decolonial e do projeto modernidade / colonialidade. Nas palavras pioneiras de Quijano e Wallerstein, “as Américas não foram incorporadas a uma economia mundial capitalista já existente. Não poderia haver uma economia mundial capitalista sem as Américas”. (Quijano e Wallerstein, 1992: 549). Mignolo vai um pouco mais além ao demonstrar que “a emergência do circuito do Atlântico no século XVI fez da colonialidade um aspecto inseparável da modernidade”. (Mignolo, 2002: 60).

Mais recentemente, Gloria Anzaldúa (2009), Catherine Welsh (2018) e Paul B. Preciado (2000) expandiram a análise do binômio moderno/colonial para as questões de gênero e a emergência do sistema patriarcal ainda vigente. Ricardo Padron (2004), Jorge Canizares-Esguerra (2001, 2007) e Ramon Grosfoguel (2007) trabalham uma nova leitura do trânsito das ideias entre América e Europa, expondo quanto dos novos conceitos e invenções celebrados como resultados da modernidade europeia foram resultado da ocupação americana, e não o contrário tradicionalmente promulgado.

O que esse grupo de latino-americanos fez foi uma completa desconstrução das ideias nobres da modernização – ainda hoje adorada pela maioria dos arquitetos – para demonstrar que não há modernização sem colonialização. As transformações que chamamos de modernidade estão imbuídas de desigualdade que invariavelmente beneficiam agentes brancos do sexo masculino, heteronormativos, em detrimento de todos que não são brancos, não são homens, ou não são héteros. Acredito que podemos concordar que a história da arquitetura como a conhecemos é a história dos arquitetos brancos do sexo masculino, escritos por historiadores brancos do sexo masculino.

Por décadas a historiografia não Otancêntrica (qualquer autor não europeu e não norte-americano) da arquitetura do século XX foi forçada a adjetivar a modernização. Escrevemos sobre modernização incompleta, modernização conservadora, modernização desigual, entre tantos outros adjetivos, para poder entender um processo que enriqueceu alguns

à custa de muitos. Em 1994 (já se vão 25 anos) o antropólogo Arturo Escobar publicou *Encountering Development*, elucidando de uma vez por todas que toda modernidade implica alguma colonialidade. Desigualdade e exclusão não são efeitos colaterais da modernização, mas sim uma condição inerente a seus processos.

O território colonial foi onde os europeus puderam operar para criar o maior número e, em certo aspecto, as obras mais relevantes do século XVI. Em *El Laboratorio Americano* Roberto Fernandez elabora o argumento de que a Europa sempre utilizou seus domínios americanos (mesmo depois da independência) como espaço de testes (Fernandez, 1997). Não existiria *Unité d’Habitation* se não fosse pelo Palácio Capanema 15 anos antes. Não existiria Plaza Mayor em Madrid se não fosse pela experiência do Zócalo de Tenochtitlan. Não existiria Alexander Humbolt se não fosse pela catalogação e sistematização de espécies desenvolvidas por cientistas de Nova Granada no séculos XVII e XVIII e Grã-Colômbia no século XIX. Aproximando-se do argumento de que a modernidade tem um componente americano significativo desde o século XVI, Leonardo Benevolo escreveu que “a grade adotada na América vem de uma tradição operativa, mas também de um ideal cultural europeu aplicado apenas parcialmente no antigo continente, mas está presente em tudo considerado moderno. É de fato um índice do modernismo (Benevolo, 1968: 86). Somos iminentemente modernos desde 1492, como brada a historiografia da arquitetura brasileira, o que implica perceber que somos iminentemente coloniais desde 1492.

Modernidade/ colonialidade americana

Quase dois séculos depois dos processos de independência esta colonialidade permanece na maneira como continuamos amarrados a ideias e conceitos eurocêntricos ou Otancêntricos para utilizar um termo mais adequado ao século XX. O mapa abaixo, por mim desenhado em 2012, revela o quão explícito é a concentração de edifícios abordados por Frampton, Curtis, Scully e Cohen em seus manuais de arquitetura moderna.

Mignolo e Quijano demonstraram que a modernidade começou nas Américas ao longo do século XVI, ao mesmo tempo em que a arquitetura se consolidava como disciplina autônoma. Acredito que tal paralelismo não é nenhuma coincidência. Parafraseando Quijano e Wallerstein, não se trata de resgatar o papel da ocupação das Américas no desenvolvimento da arquitetura como disciplina autônoma mas sim de perceber que não existiria a disciplina da arquitetura não fosse pela ocupação das Américas. Leonardo Benevolo não levanta essa questão, mas aponta nesta direção ao escrever em 1968 que “o desenho urbano desenvolvido



Mapa das arquiteturas mencionadas em Frampton, Curtis, Cohen e Scully. F.Lara, 2012, publicado em *Urban Latin America*, 2018.

nas Américas no século XVI, consolidado pela lei de 1573 (Lei das Índias), é o único modelo de novas cidades produzidas pelo Renascimento. Esse modelo continua a funcionar por 4 séculos depois de ser generalizado pela cultura neoclássica e serviu de base para a transformação territorial mais impressionante da era moderna: a colonização e urbanização dos Estados Unidos". (Benevolo, 1968: 93).

Voltando às palavras que Roberto Fernandez usa para explicar as Américas, "nenhum território esteve tão próximo de uma pura modernidade, das utopias renascentistas à aplicação energética das ideias de contra-reforma (1600), iluminista (1700) e positivismo (1800)".

Todos nós provavelmente concordamos que foi nas Américas que o planeta foi transformado em laboratório. David Brading escreveu que a conquista europeia da América foi a primeira experiência da modernidade e, ao mesmo tempo, a última experiência do ideal medieval (Brading, 2003). Fernandez elaborou que "o apagamento da história [americana], a conformação ideológica de um território entendido como materialidade objetiva, e não como espaço habitável transformado por sujeitos conscientes, torna a América disponível como um laboratório excepcional para as muitas elaborações humanitárias que emergiram dos discursos medievais" (Fernandez, 1998: 18).

O trabalho recente de Mignolo (2013), Dussel (2000) Canizares-Esguerra (2001, 2006) e Grosfoguel (2007, 2013), nos ensina que o surgimento da abstração anteriormente atribuído a Descartes, Lei-

bnitz e Newton é na verdade um índice do projeto modernidade / colonialidade, que suscita a questão de como as Américas participaram do desenvolvimento do espaço abstrato. Ricardo Padron nos diz que a nova concepção de espaço abstrato "racionalizou o mundo conhecido de acordo com os princípios da geometria euclidiana, propondo uma nova ordem em que a abstração matemática prometia tornar o mundo apreensível de uma maneira que nunca havia sido antes." (Padron, 2004: 32).

Me parece urgente questionar o papel da arquitetura e do planejamento urbano nesse projeto colonial / moderno. Curiosamente, apenas duas décadas separaram a publicação de *De Re Aedificatoria* de Alberti (1471) e a chegada dos europeus ao continente americano (1492). A arquitetura como projeção de um futuro moderno, separada da construção pelo poder da abstração, é ao mesmo tempo a ferramenta definitiva e o resultado final desses dois grandes eventos.

Em 1572, Felipe II, rei da Espanha, decretou a famosa Lei das Índias, especificando no artigo 137 que as cidades deveriam abrigar apenas os descendentes de espanhóis; os índios deveriam viver em seus próprios pueblos no campo. Esse foi o começo da arquitetura moderna nas Américas. Uma cidade para excluir e induzir respeito pelo medo é muito diferente de uma cidade para libertar pessoas (Lara, 2020). Desde o início do século XVI, esta tem sido a regra: uma cidade como uma máquina de exclusão. Os portugueses apontam para relações informais na tentativa de se afastarem da explícita exclusão espanhola, mas o resultado não

é tão diferente. O projeto colonial foi um projeto arquitetônico de controle do espaço, impondo linhas abstratas ao território. Roberto Fernandez explica que as Américas sempre foram esse laboratório espacial onde teorias e ideias foram testadas primeiro, para serem posteriormente aceitas na Europa (Fernandez 1997). A mudança do domínio colonial para a independência pouco fez para mudar isto e nos séculos 19 e 20 as grandes metrópoles americanas explodiram com o crescimento urbano. A regra sempre uma urbanização da exclusão que concentra riqueza e poder nas mãos de poucos, de Nova York a Buenos Aires, de San Francisco a Lima.

Em todos esses casos, observamos o poder de abstração da arquitetura para impor uma sociedade excludente. Nas palavras da estudiosa mexicana Diana Maldonado (2016), sempre existiu planejamento e não-planejamento (*planning* e *off-planning*). Dentro da cidade desenhada estavam as elites e uma pequena classe média que teve que esperar o século 20 para crescer em tamanho e importância. Fora do desenho, fora do planejamento, estava a maioria da população. Essa ordem estratificada nunca se preocupou em entender o fato de que todo mundo constrói. Alguns poucos constroem usando desenhos, a grande maioria constrói sem desenhos (LARA, 2015). A divisão proposta por Alberti teve sua materialidade final na cidade americana excludente. Desenhado / não-desenhado explica os espaços urbanos americanos tão ou melhor do que qualquer outra dicotomia.

Para mim é fundamental perceber que a arquitetura teve um papel central nessa construção e só muito recentemente começamos a estudá-la adequadamente com as lentes da modernidade / colonialidade.

Esforços de Decolonização

Enquanto escrevo estas linhas acontece em Austin o colóquio *Decolonizing the Spatial History of the Americas*. Convidados por Felipe Hernandez e este que vos escreve, 20 estudiosos da arquitetura se reuniram com Arturo Escobar e Clara Irazabal-Zurita para discutir os esforços de decolonização atualmente em andamento na nossa disciplina.

Ficou claro para o grupo que história da arquitetura nunca esteve na vanguarda desse ponto de vista, muito pelo contrário, quando comparada à sociologia, à antropologia e até à história da arte, chegamos bastante atrasados ao entendimento de que gênero, raça e etnia são facetas fundamentais de como narrar (ou mais importante como não narrar) nossas histórias de modernização.

Vejamos por exemplo o livro recente de Fabíola Lopez-Duran, *Eugenics in the Garden*. Lopez-Duran se debruçou sobre os cadernos de desenhos de Le Corbusier para revelar as ideias de eugenia na

base de seu discurso de arquitetura moderna. É um fato conhecido que Corbusier usou a América Latina como um laboratório de sua ideologia. Entre “sua primeira viagem em 1929 e sua segunda em 1936, seus discursos se concentraram no outro racial e sexual, o primitivo, a natureza e a morte” (Lopez-Duran 2018:154) que encontrou do outro lado do Atlântico. Muitos documentos selecionados pela autora lançam uma nova luz sobre a eugenia de Corbusier como solução para a América Latina. A página de um de seus famosos cadernos de desenhos contém o esboço de um humilde homem afro-brasileiro, com as palavras Lucio Costa e *Acheter livre Carrel* (Comprar o livro de Carrel), uma referência a *L’Homme, cet inconnu* de Alexis Carrel (Prêmio Nobel de Medicina de 1912), publicado em 1935.

Eugenics in the Garden refaz a conexão de Le Corbusier com os conceitos de eugenia desenvolvidos na virada do século XX, mostrando como ideias racistas tiveram um papel predominante na materialização transatlântica das propostas Corbusianas no Brasil e na Argentina. A autora vai direto ao ponto: a arquitetura moderna como conhecemos está muito mais próxima das ideias de supremacia branca do que gostamos de admitir.

Para muitos de nós que nunca ouvimos falar de Carrel, seus escritos da década de 1930 abordaram muitas vezes a “degeneração” da humanidade contemporânea, propondo a eliminação de qualquer um que fosse considerado defeituoso para a melhoria da raça humana. Palavras que frequentemente associamos ao regime nazista e não a um herói arquiteto como Le Corbusier. Aqui está o xequemate de Lopez-Duran. Nas palavras dela, “foi no Rio, durante o verão de 1936, que Le Corbusier se alinhava publicamente com a ideologia da eugenia de Carrel, estabelecendo uma conexão direta entre as ideias de Carrel e as suas. (Lopez-Duran 2018: 158)

Essa conexão é sustentada por vários documentos: uma carta de Carrel em resposta a Corbusier de 31 de agosto de 1937, um cartão postal de 1942 e as anotações de Corbusier na palestra de Carrel de 19 de fevereiro de 1943, momento em que ambos estavam colaborando com a República Vichy, o governo francês fantoche da Alemanha. Nada disso é novo para nossos olhos de historiadores treinados, mas de alguma forma tais fatos se mantiveram submersos e quase invisíveis por todas essas décadas. E nós todos compramos este esquecimento, como mentiras repetidas até que se tornem verdade.

Mas camadas de colonialidade continuam presentes mesmo em textos incisivos como o de Lopez-Duran. Na página 179 do livro estão dois desenhos do Ministério da Educação no Rio publicados por Corbusier. Um dos desenhos foi a proposta original de 1936, uma estrutura horizontal que o suíço-francês insistia em construir junto ao mar. O outro dese-

inho foi feito no final da Segunda Guerra Mundial com base em uma foto do prédio concluído enviada por Lucio Costa. Para reivindicar a autoria de um magnífico edifício construído no Brasil antes que ele pudesse fazer algo nesta escala na Europa, Corbusier publicou o desenho como se fosse um esboço de 1936. Detalhes pequenos da história que ignoramos o tempo todo, até que decidimos não ignorar mais.

Fabiola Lopez-Duran decidiu não ignorar tais evidências e esta é a contribuição mais significativa do livro. Partindo de uma análise rigorosa de documentos primários a respeito do intercâmbio de ideias entre a França, o Brasil e a Argentina, a autora ilumina processos de exclusões que não podemos mais evitar. Em suas palavras, “a eugenia, que no início do século XX foi usada para justificar a exclusão de africanos, asiáticos e até imigrantes do leste e sul da Europa, na tentativa de normalizar uma sociedade patriarcal, idealmente branca e heterossexual, agora é reativada, e com isso, o racismo e a segregação foram novamente legitimados oficialmente”. (Lopez-Duran 2018: 190)

No caso brasileiro vale lembrar as palavras de Lucio Costa em 1928 quando afirmou que:

“toda arquitetura é uma questão de raça. Enquanto nosso povo for essa coisa exótica que vemos pelas ruas a nossa arquitetura será forçosamente uma coisa exótica. Não é essa meia dúzia que viaja e se veste na *Rue de la Paix*, mas essa multidão anônima que toma trens da Central e Leopoldina, gente de caras lívidas, que nos envergonha por toda parte. O que podemos esperar de um povo assim? Tudo é função de raça. A Raça sendo boa o governo é bom, será boa a arquitetura. Falem, discutam, gesticulem, o nosso problema básico é a imigração selecionada, o resto é secundário, virá por si”. (Costa, 1928).

Palavras carregadas de racismo e classismo nos lembram que somos sim um povo negro e mestiço, colonizado e com vergonha de si mesmo, cuja historiografia se debruçou sobre a meia dúzia que viaja e se veste da *Rue de la Paix*. As ideias por trás do fascismo *made-in-Brazil* responsável pelo assassinato de Marielle Franco voltaram do lixo da história, porque são, de fato, muito mais difundidas e comuns do que gostamos de admitir. Como explicado por Arturo Escobar, a modernização sempre beneficiou a minoria heteronormativa branca do sexo masculino, excluindo em diferentes graus a maioria dos habitantes deste nosso pequeno planeta. Isso se chama colonialismo e não há nenhuma surpresa aqui.

A surpresa é o quão pouco isto tem sido discutido até agora pela história da arquitetura.

Arquitetura é uma ferramenta de controle territorial e o Brasil é desde 1500 uma enorme máquina de grilagem. Sabemos pouco acerca das razões do assassinato de Marielle Franco mas o suficiente para perceber a ligação deste com invasões (grilha-

gem) de milicianos na zona oeste do Rio de Janeiro. Sabemos um pouco mais sobre como essa terra era administrada antes da chegada dos portugueses em 1500, mas vale lembrar que a primeira atividade econômica europeia no Brasil foi convencer os nativos a cortar o Pau-Brasil e enviá-lo ao outro lado do oceano. Nossa terra recebeu o nome de um processo de desmatamento com mão de obra barata para exportar commodities de baixo valor agregado. Que destino!

Para superar este trágico destino precisamos decolonizar as histórias da nossa arquitetura e isto implica várias ações²:

1) Perceber que não existe modernização sem colonização. Para cada Esplanada do Castelo ou Pampulha construídas centenas de famílias pobres foram expulsas de suas casas, indenizadas ou não, para que o moderno se instalasse em toda sua exuberância.

2) Perceber que cada um destes edifícios maravilhosos existiu antes em fôrmas de madeira cortadas de alguma área de mata atlântica (no caso do eixo Rio-SP onde são mais numerosos) para logo depois ser preenchido com aço, calcário e argila escavados de algum outro sítio.

3) Perceber que ombros pobres (em sua grande maioria negros e mulatos) carregaram cada um destes materiais em troca de um salário que não os permitia usufruir da cidade moderna, obrigando suas famílias a construir eles mesmos suas casas, sem documento de propriedade, sem água, eletricidade ou esgoto.

4) Perceber que a arquitetura é parte integrante do processo de financialização da economia, drenando recursos antes investidos na produção e na geração de emprego e renda, levados através do sistema financeiro para processos deslocados do mundo da produção.

5) Perceber que a arquitetura moderna sempre trouxe consigo um componente moral que poucas vezes teve um viés progressista como o projeto de empoderamento feminino do Conjunto Pedregulho e na grande maioria da vezes normalizou a desigualdade explicitada nos quartos de empregada e elevadores de serviço. Independente do viés progressista ou reacionário, a arquitetura moderna sempre se colocou como instrumento de colonialidade no sentido de ensinar às massas como deveriam viver suas vidas.

2- Escobar defende que uma compreensão completa da modernidade implica: 1) localize suas origens com a conquista da América, em vez do Iluminismo ou do século XVIII; 2) atenção persistente ao colonialismo e inerente ao capitalismo; 3) a adoção de uma perspectiva mundial na explicação da modernidade; 4) o entendimento de que a modernidade implica a subalternização de qualquer conhecimento não europeu; e 5) entender a universalidade abstrata e seu papel na hegemonia mundial concreta da Europa” (Escobar, 1994: 38).

Como na obra de Lais Myrra, a coluna da modernidade do Alvorada não se sustenta sem a coluna da colonialidade, do latifúndio, da escravidão e da monocultura da fazenda Colubandê. Triste, mas necessário perceber que o Brasil reacionário e violento que eclodiu depois de 2016 sempre esteve por aqui, escondido nas dobras escuras da colonialidade enquanto nos encantávamos com nossa exuberante modernidade.

Referências:

- BENEVOLO, Leonardo, "Las nuevas ciudades fundadas en el Siglo XVI en America Latina. Una experiencia decisiva para la historia de la cultura arquitectonica de "Cinquecento", in *La Ciudad Colonial del Nuevo Mundo: formas y sentidos* (edited by Miguel D. Mena) Santo Domingo: Jardin de las Delicias, 1998, pp. 71-94.
- BEUCHOT, Mauricio *Filosofia y lenguaje en la Nueva España*, Ciudad de Mexico: UNAM, 2011.
- BHABHA, Homi. "What does the black man want?", *New Formations* 1 (1987): 118-124.
- BRADING, David. *Orbe indiano: de la monarquía católica a la república criolla, 1492-1867*. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge (ed.). *Entangled Empires: The Anglo-Iberian Atlantic, 1500-1830*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2018.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. "Iberian colonial science", *Isis* 96.1 (2005): 64-70.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. "Iberian science in the Renaissance: Ignored how much longer?", *Perspectives on Science* 12.1 (2004): 86-124.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *How to Write the History of the New World: Histories, Epistemologies, and Identities in the Eighteenth-Century Atlantic World*. Stanford: Stanford University Press, 2001.
- CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. *Nature, empire, and nation: explorations of the history of science in the Iberian world*. Stanford University Press, 2006.
- CARRANZA, L. & LARA, F. *Modern Architecture in Latin America: Art, Technology and Utopia*. Austin: University of Texas Press, 2015.
- COSTA, Lucio. "O arranha céu e o Rio de Janeiro", *O País*, 1 de julho de 1928.
- DA CONCEIÇÃO, Margarida Tavares. "Translating Vitruvius and Measuring the Sky: On Pedro Nunes and Architecture", *Nexus Network Journal* 13.1 (2011): 205-220.
- DUSSEL, Enrique, Javier Krauel, and Virginia C. Tuma. "Europe, modernity, and eurocentrism", *Nepantla: views from South* 1.3 (2000): 465-478.
- DUSSEL, Enrique. *La pedagogía latinoamericana*. Bogotá: Nueva América, 1980.
- ESCOBAR, Arturo. "Worlds and knowledges otherwise: The Latin American modernity/coloniality research program", *Cultural Studies* 21.2-3 (2007): 179-210.
- ESCOBAR, Arturo. "Culture sits in places: reflections on globalism and subaltern strategies of localization", *Political Geography* 20 (2001) pp. 139-174.
- ESCOBAR, Arturo. *Encountering Development: The Making and Unmaking of the Third World*. Princeton University Press, 1994.
- FERNANDEZ, Roberto. *El Laboratorio Americano. Arquitectura, Geocultura y Regionalismo*. Madrid: Biblioteca Nueva, 1997.
- GROSGOUEL, Ramon. "The Epistemic Decolonial Turn", *Cultural Studies*, 21:2-3, 2007, pp. 211-223.
- GROSGOUEL, Ramon. "The Structure of Knowledge in Westernized Universities: Epistemic Racism/Sexism and the Four Genocides/Epistemicides of the Long 16th Century: Human Architecture: *Journal of the Sociology of Self-Knowledge*, XI, Issue 1, Fall 2013, 73-9.
- GUARDA, Gabriel, "Santo Tomas de Aquino y las fuentes del urbanismo indiano", in *La Ciudad Colonial del Nuevo Mundo: formas y sentidos* (edited by Miguel D. Mena) Santo Domingo: Jardin de las Delicias, 1998, pp. 9-69.
- JAMES-CHAKRABORTY, Kathleen. "Beyond postcolonialism: New directions for the history of nonwestern architecture", *Frontiers of Architectural Research*, 3:1 (2014), pp 1-9
- JAMES-CHAKRABORTY, Kathleen. *Architecture Since 1400*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2014.
- KING, Anthony. *Spaces of Global Cultures: Architecture, Urbanism, Identity*. London: Routledge, 2004.
- KOSTOF, Spiro. *A History of Architecture: Settings and Rituals*. New York: Oxford University Press, 1985.
- LARA, F. "Illiterate Modernists: Tracking the Dissemination of Architectural Knowledge in Brazilian Favelas", in *Housing and Belonging in Latin America*, New York: Bergham Books, 2015.
- LARA, F. "One Step Back, Two Steps Forward: The Maneuvering of Brazilian Avant-Garde", *Journal of Architectural Education*, v. 55/4, May 2002, pp. 211-219.

- LARA, F. *The Rise of Popular Modernist Architecture in Brazil*. Gainesville: University Press of Florida, 2008.
- LARA, Fernando Luiz "Urbis Americana: Thoughts on our shared (and exclusionary) traditions", preface of *Urban Latin America: Images, Words, Flows and the Built Environment*, edited by Freire-Medeiros & O'Donnel, New York: Routledge, 2018.
- LARA, Fernando Luiz "Towards a Theory of Space for the Americas", *FOLIO – Journal of African Architecture*, vol. 2., 2020, pp. 232-241.
- LEFAIVRE, Liane; TZONIS, Alexander. *The emergence of modern architecture: a documentary history from 1000 to 1810*. Psychology Press, 2004.
- MAITLAND, Barry. "The grid", *Oppositions* 15/16, 1979.
- MALDONADO, Diana. "Off-Planning": The Illegitimate Tradition That Legitimizes Latin America As Urban Discourse", *Traditional Dwellings and Settlements Review* 28.1 (2016): 66-66.
- MANN, Charles C. 1493: *Uncovering the New World Columbus Created*. Reprint edition. New York: Vintage, 2012.
- MENA, Miguel (ed.). *La Ciudad Colonial del Nuevo Mundo: formas y sentidos*. Santo Domingo: Jardín de las Delicias, 1998.
- MIGNOLO, Walter. "The geopolitics of knowledge and the colonial difference", *The South Atlantic Quarterly* 101.1 (2002): 57-96.
- MIGNOLO, Walter. *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options*. Durham: Duke University Press Books, 2011.
- MIGNOLO, Walter; ESCOBAR, Arturo (eds.). *Globalization and the Decolonial Option*. 1 edition. London: Routledge, 2013.
- MORZÉ, Leonard von (ed.). *Cities and the Circulation of Culture in the Atlantic World: From the Early Modern to Modernism*. The New Urban Atlantic. Palgrave Macmillan, 2017.
- MUMFORD, Lewis. *The Culture of Cities*. New York: Harcourt Brace and Co., 1938.
- O'GORMAN, Edmundo, "Trayectoria de America", in *Fundamentos de la Historia de America*, Ciudad de Mexico: Imprenta Universitaria, 1942.
- O'GORMAN, Edmundo. *La invencion de America: Investigacion acerca de la estructura historica del Nuevo Mundo y del sentido de su devenir*. México: 1958.
- QUIJANO, A. *Dependencia, Urbanización Y Cambio Social En Latinoamérica*. Lima: Mosca Azul Editores, 1977.
- QUIJANO, Anibal, "The paradoxes of modernity", *International Journal of Politics, Culture and Society*. Vol. 3, n. 2. New York: Winter 1989.
- QUIJANO, Anibal, "Colonialidad y Modernidad/Racionalidad", *Perú Indígena*, vol. 13, n. 29, 1991 pp. 11-20. Lima: Instituto Indigenista Peruano.
- QUIJANO A; WALLERSTEIN I. "Americanity as a concept, or the Americas in the modern world-system", *International Social Science Journal*. 1992;44(134):549.
- PADRON, Ricardo. *The Spacious Word: Cartography, Literature, and Empire in Early Modern Spain*. 1 edition. Chicago: University Of Chicago Press, 2004.
- PEREZ-GOMES, Alberto. *Architecture and the Crisis of Modern Science*. Cambridge Mass.: MIT Press, 1983.
- PEVSNER, Nikolaus. *An Outline of European Architecture*. London: Penguin Books, 1964.
- PRECIADO, Paul B. *Manifiesto Contrasexual*. Madrid: Anagrama, 2000.
- RYKWERT, Joseph; TAVERNOR, Robert; LEACH, Neil. *Leon Batista Alberti, On the Art of Building in Ten books*. Cambridge: MIT Press, 1988.
- SAID, Edward W. *Orientalism*. Harmondsworth: Penguin, 1978.
- SENNETT, Richard. *The Conscience of the Eye: The Design and Social Life Of Cities*. 1st ed. New York: Knopf : Distributed by Random House, 1990.
- ZEA, Leopoldo. *América Como Autodescubrimiento*. 1a ed. Pensamiento Latinoamericano, vol. 5. Bogotá: Publicaciones Universidad Central, 1986.
- WALSH, Catherine; MIGNOLO, Walter. *On Decoloniality, Concepts, analytics, praxis*. Duke University Press, 2018.